Um papo sobre crenças, dilemas, LGBTfobia e a importância do acolhimento familiar à população LGBTQIA+

29.06.2022 5 minutos de leitura

Em uma sociedade que ainda reproduz casos de LGBTfobia e discriminação, esbarramos constantemente em diversas histórias de dificuldade nas relações familiares, violência e preconceito, mas também em histórias de acolhimento e transformação.

Nessa edição do Papo Com, editoria que faz parte do BMA Plural, tivemos o prazer de escutar uma dessas histórias, falando com Arley Magalhães, pastor em uma igreja evangélica e pai da Dayana Magalhães, integrante do BMA e Propagadora da Diversidade.

Ao longo do papo, Arley compartilhou quais foram os principais dilemas que enfrentou quando se deparou com a questão da orientação sexual da sua filha pela primeira vez e como eles transformaram a relação de pai e filha, de anos sem proximidade até chegar nesta etapa de acolhimento e parceira. Nossa integrante Maria Julia Medina, também Propagadora da Diversidade, conduziu o bate-papo.

O início: crenças, dilemas e padrões

"*Eu fico feliz de estar aqui participando disso na vida de vocês e de outras pessoas...porque agora eu já tenho experiência, estou vivenciando isso*...no início foi muito complicado, nós tivemos uma formação religiosa, eu sou membro da igreja e pastor." "(...) A Dayana se tornou evangélica primeiro que eu, ela e a mãe. Eu não queria muito no começo...mas acabei me convertendo".

Nesse momento, Arley compartilhou que estudou muito sobre a religião depois que se converteu, e que quando se falava em pessoas LGBTQIA+ nesse ambiente, era visto como algo muito ruim, com preconceito, "era como se estivesse falando do próprio diabo".

"*Quando se trata desse assunto, ele é batido de forma tão pesada, que você fica preparado para se afastar de qualquer pessoa que possa se declarar ou ter uma aparência né, fora dos padrões estabelecidos...*", relata.

"*Eu mergulhei de cabeça... e para a gente foi um impacto muito grande, o processo da Dayana, mas eu tenho muita certeza de que para ela foi pior...Ela falava que não era uma opção, e eu não entendia... hoje eu tenho outro conhecimento e tive que abrir meu coração para Cristo me ensinar o que é amar*".

Primeiros sentimentos

"*... por incrível que pareça, é um sentimento horrível que não deveria acontecer. Nós ficamos preocupados, não com o que estava acontecendo com a cabeça dos nossos filhos, do ser humano...nós estávamos mais preocupados com o que as outras pessoas vão pensar... e isso é muito triste, muito difícil*."

Arley contou que, nesse mesmo momento, a família mudou de cidade e Dayana passou a morar com uma tia em outo local. Nessa época, a irmã mais nova de Dayana foi diagnosticada com um problema de saúde, e a família atribuía parte da culpa pela doença à Dayana, por conta de sua orientação sexual. "*Para mim, o que essa menina passou, e o ser humano que ela se tornou, isso é motivo de muito orgulho",* ressaltou Arley enquanto relembrava a ocasião.

A luta da população LGBTQIA+ "*é muito mais complexa, é muito mais profunda..., às vezes, a pessoa não tem nenhum apoio de quem deveria ter, dos pais...isso nós negamos à nossa filha e isso nos traz um arrependimento muito, muito grande, muito profundo".* "Eu não sabia o que fazer... você ia na igreja e escutava 'tem tudo que morrer', 'tem que ir para o inferno', e a gente começa a pensar 'Como vai ficar minha filha? Como a gente vai curar ela?'".

Compreensão e empatia - Precisamos falar: relevância dos debates, reflexão e leis voltadas à população LGBTQIA+

Tentando passar por esse processo e compreender a filha, Arley relata que criou uma página falsa no Facebook, onde se passava por uma pessoa Lésbica, e entrou em vários grupos da comunidade, "*para ver se eu entendia, e se eu podia de alguma forma ajudar minha filha*", relembra.

"Nós *lutamos com tudo o que a gente acreditava, como se fosse uma doença, e ao mesmo tempo, a gente não queria envolvimento da Dayana com as nossas filhas, porque acreditávamos que poderia contaminar... são coisas assim, que dá até vergonha de falar*."

"Isso durou muito tempo...e aí surgiram algumas pessoas falando sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo", até que eu parei para pensar o seguinte, duas pessoas que são do mesmo sexo, se conhecem e vão viver juntos". Em muitos casos, essas pessoas são colocadas para fora de casa, e diversas situações exigem que essas pessoas amadureçam mais rápido.

"*E aí as pessoas constroem uma vida toda junto, negócios... e aí um deles morre e quem fica com os bens seria a família que abandonou essa pessoa...nesse momento eu comecei a pensar que isso era desumano*", destacou Arley.

Virada de chave, saúde mental e a importância de contar com uma rede de apoio

E, então, depois de muito tempo tentando compreender e lidar com os dilemas familiares e crenças, Arley teve uma virada de chave e deu um passo para se reaproximar de Dayana. Na conversa, Arley relembra a ocasião, Dayana iria na casa de uma tia pela primeira vez com a sua companheira Danielle. O pai lembra que quando Dayana o viu o local, levou um susto "deu tela preta, ela diz".

O encontro seguiu normalmente, até que Arley pediu a palavra... "'*Eu só*

quero falar um negócio aqui, eu gostaria de pedir perdão para duas pessoas e falar que eu tenho o maior orgulho delas', aquele momento foi muito transformador, e eu pedi perdão de coração", releva Arley.

Ele conta que o ponto da virada de chave das suas crenças, vieses inconscientes e relação familiar foi quando entendeu que, "*O amor vence barreiras, ele não cria muros, ele cria pontes*".

Ao longo da conversa, Arley seguiu falando sobre a importância da rede de apoio, principalmente familiar, para a saúde mental das pessoas LGBTQIA+; "As vezes o pai bate, a sociedade bate, apanha no serviço...está cansado, é massacrado no ônibus, aí chega na igreja e escuta 'todo homossexual vai para o inferno'...e então a pessoa vai e pula de uma ponte, quantas pessoas já se suicidaram por isso? Porque a gente não consegue ter uma palavra de amor para quem precisa".

Na oportunidade, Arley contou que já aconselhou outro pai que estava em um processo parecido de dilemas, crenças e aceitação e felizmente também conseguiu ajudar a mudar essa história.

"*Uma das coisas que eu mais me arrependo foi de não ter apoiado e não ter desfrutado também da grande mulher que minha filha estava se tornando e eu não conseguia entender*", finaliza Arley.

Hoje, Arley e Dayana têm uma nova relação entre pai e filha, de parceira e acolhimento, e se sentiram à vontade para contar essa história real que pode inspirar outras histórias e ajudar pessoas que estejam em situações similares.